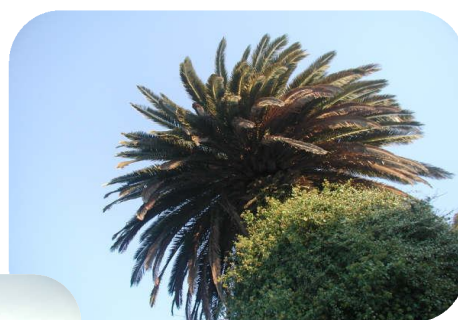


ESCOLA SECUNDÁRIA DE SAMPAIO

# A HISTÓRIA DA NOSSA ESCOLA

...: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE :...



Beatriz do Bem  
Débora Tecelão  
Raquel Palma

**Escola Secundária de Sampaio**

**Curso Científico – Humanístico de Ciências e  
Tecnologias**

10.º Ano – Turma B

Disciplina: TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

Docente: Prof. Luís Varela

# **A História da nossa Escola**

*Beatriz do Bem, n.º 3*

*Débora Tecelão, n.º 8*

*Raquel Palma, n.º 22*

**Sampaio**

**15 de Março de 2005**

# Í N D I C E

	<i>Páginas</i>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>1. A HISTÓRIA DA NOSSA ESCOLA</b> .....	5
<b>1.1. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE</b> .....	5
<b>1.1.1. A “QUINTA DA BELA VISTA”</b> .....	5
• <i>Como era?</i> .....	5
• <i>A sua história</i> .....	7
<b>1.1.1. Árvore genealógica da Família Caldeira</b> .....	9
<b>1.1.2. A ESCOLA SECUNDÁRIA DE SAMPAIO</b> .....	10
<b>CONCLUSÃO</b> .....	13
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	14

## **Introdução**

Com este trabalho, pretendemos adquirir conhecimentos acerca da História da nossa Escola, visto que é um assunto de interesse a todos nós, isto é, alunos, professores e funcionários pertencentes à escola. Uma outra razão que nos levou a realizar este projecto relaciona-se com o facto de a maioria das pessoas pertencentes à escola (e não só) desconhecerem os seus antepassados.

Desta forma, pretendemos, ainda, informar as pessoas que pertencem à vizinhança sobre o projecto que iremos desenvolver ao longo do ano lectivo (finais do 2.º Período).

É ainda de salientar que gostaríamos de deixar um registo da informação que conseguimos obter ao longo deste projecto, visto que a nossa escola não possui praticamente nenhuma informação acerca do tema abordado. Sendo assim, iremos também fazer uma certa “distinção” entre o ‘passado’ e o ‘presente’ da Escola, mais concretamente, entre o tempo em que este recinto não passava de uma quinta com uma casa senhorial até aos dias de hoje uma Escola Secundária.

Começaremos então por apresentar algumas ‘escolhas’ que tivemos de optar para a realização deste projecto. Como já sabemos, este é um tema com arquivos de informação, de certo modo, “limitados” e, por isso, começamos por fazer um género de questionários a diversas pessoas que habitam em Sampaio, de diferentes classes sociais e níveis de vida. Portanto, é evidente que todas as informações sugeridas neste projecto poderão não ser totalmente verídicas. De qualquer modo, apresentaremos todas as ‘teses’ que nos foram expostas, sendo cada uma delas com características diferentes, iremos destacar a mais credível.

## 1. A HISTÓRIA DA NOSSA ESCOLA

### 1.1. Entre o passado e o presente . . .

#### 1.1.1. A “Quinta da Bela Vista”

- Como era?

Tal como todas as pessoas que entrevistámos nos explicaram, antes de se chamar Estrada da Faúlha, esta localização tinha a designação de Casais Ricos (como o nome indica eram casas muito ricas) e todas as Quintas pertencentes a estes casais eram da família Pólvora, Baptista Gouveia ou Caldeira (tal como referiu D. Teresa Baptista). Aqui, existia uma enorme quinta centenária (com cerca de 150 anos) chamada “Quinta da Bela Vista” ou também conhecida por “Quinta da Santinha”. Esta continha uma enorme casa senhorial e, de certo modo, apalaçada mas, do ponto de vista arquitectónico, podemos referir que não era especialmente bonita e que por dentro era uma “maravilha” pois os móveis e loiças era tudo “coisas” boas e caras (tal como nos disse a D. Filomena – familiar dos donos da Quinta).

A casa tinha à volta de umas 30 divisões, como 4 salas, sala de jantar enorme, 2 cozinhas (uma em cima e outra em baixo), 11 quartos, quarto de costura, entre outros.

Havia ainda um parque infantil para as crianças (aproximadamente 18 crianças) brincarem no Verão (altura em que iam para a Quinta, pois moravam em Lisboa), como foi referido por D. Teresa Baptista.

Evidentemente, existiam outros espaços entre os quais se destacavam:

- o pombal (figura x), que ainda hoje está presente;
- uma cocheira;
- um pavilhão de caça, onde era costume haver “almoçaradas” das caças que se praticavam (tal como a D. Teresa Baptista nos explicou);
- um *court* de ténis, que não era usual naquela altura, mas, no entanto, já havia (este já não se situava no ‘recinto escolar’);
- uma capela, que ficava nas traseiras da casa, onde o padre ia todos os Domingos dar a missa, para as pessoas da casa e também para outras pessoas que quisessem assistir;
- um moinho de vento (muito alto e feito de ferro);
- uma vacaria;
- uma “casa dos criados” (que se situava em frente à actual “Capelinha”);
- Um celeiro, onde era os quartos do pessoal e onde havia uma cozinha enorme.

Para além das infra-estruturas que apresentámos anteriormente, existiam também um jardim muito bonito, cujo chão era constituído com a tradicional pedra de calçada portuguesa e colunas feitas de mármore. Neste, predominava a existência de grandes árvores (nomeadamente pinheiros mansos) que, ainda hoje, são um verdadeiro símbolo que caracteriza a Escola e, ainda, um lago com patos. Eram também habituais as diversões das crianças, onde, tal como a D. Teresa Baptista nos recordou com saudade, as histórias lá vividas. Uma delas retrata que as crianças, enquanto aí brincavam, de vez em quando, caíam o que fazia com que as suas mães se aborrecessem . . .

Havia também, como todos os nossos entrevistados disseram, uma escadaria com varandins nos lados pela qual se entrava para a casa.

Para além de todos estes aspectos é ainda importante referir que a Quinta usufruía de imensos criados, tais como um caseiro (o qual a família ainda é viva), uma governanta (tia de D. Filomena, com a qual falámos e a qual nos contou que era a sua tia que tinha a responsabilidade completa da casa), uma senhora que ensinava as pessoas da casa a falar Francês, uma cozinheira, jardineiros, criadas de quarto, entre outros.

- A sua história

Falando um pouco mais da história da “Quinta da Bela Vista” conseguimos saber que a família dona desta quinta foi a família Caldeira e que os seus primeiros donos eram brasileiros, mais propriamente Joaquim Borges Caldeira e Maria da Conceição Brás Caldeira (da família “Brás” de Sesimbra).

Joaquim Borges Caldeira teria estado no Brasil e com o dinheiro ganho lá, mandou construir a referida Quinta (século XVIII/ século XIX).

A Dona da Quinta, conhecida por “Santinha”, oferecia grandes festas e as pessoas gostavam muito das festas porque a Dona era muito simpática e gostava de receber as pessoas na sua casa.

Festas a seguir a festas, foi passando como “tradição” de herdeiro em herdeiro.

Naquela altura, como ainda não existiam carros, eles andavam de burro e a cavalo e o jardineiro tinha paciência para acompanhar as crianças pelos arredores, tal como referiu D. Teresa Baptista.

D. Teresa Baptista contou-nos também que na referida Quinta, no Verão, nasceram 3 das suas primas (Maria Amélia, Conceição e Isabel).

Não só mas também por causa das festas referidas anteriormente mas também, o dinheiro foi começando a faltar e assim, não sendo por não gostarem da casa nem por não a quererem, mas sim porque precisavam de dinheiro, acabaram por vendê-la. A Quinta não foi

vendida pelo seu valor real, foi vendida muito mais barata porque os herdeiros precisavam mesmo do dinheiro. A Quinta permaneceu na família Caldeira até 1971.

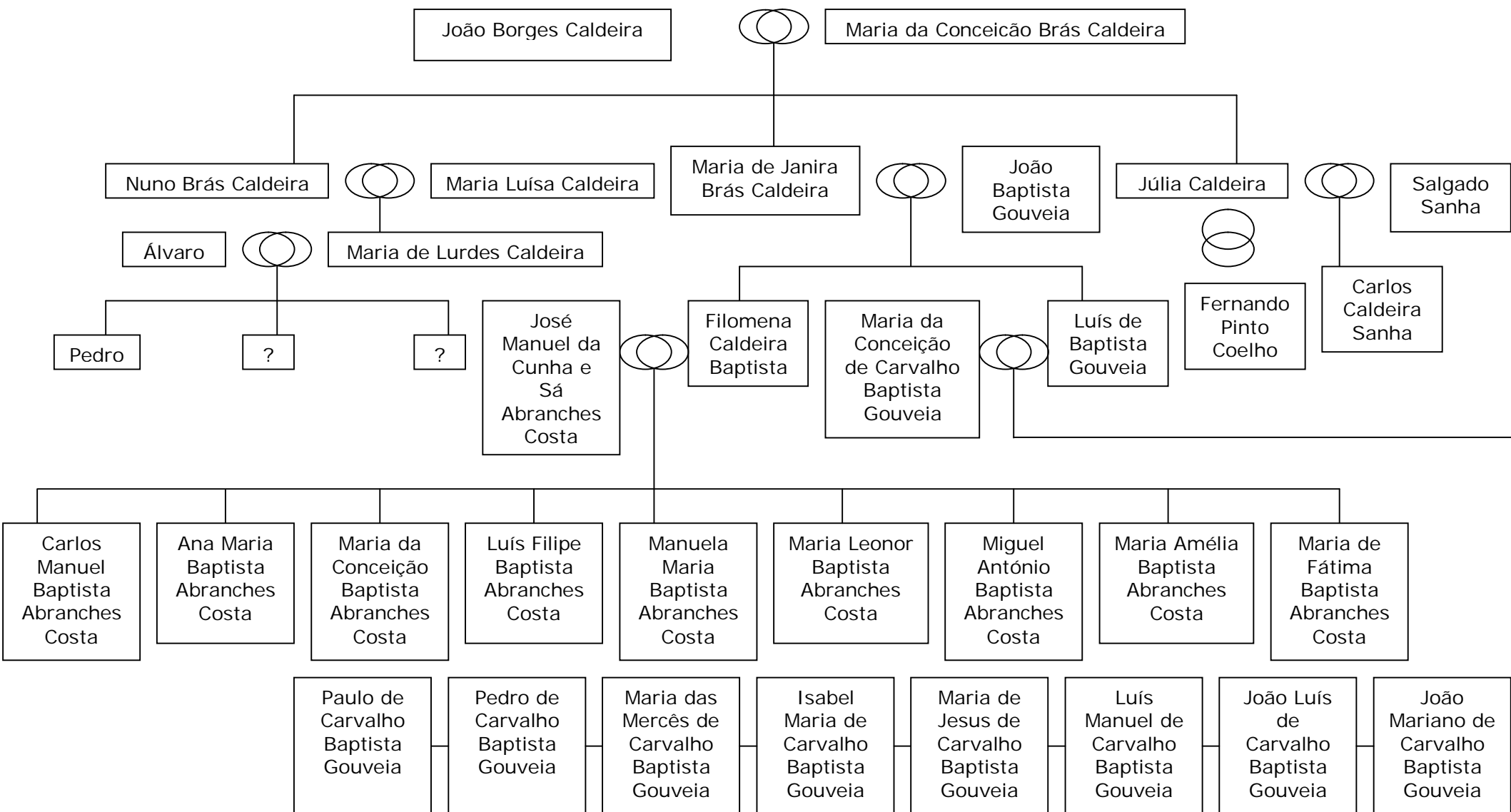
Mais tarde, as pessoas que andavam a construir a zona vieram roubar muitas coisas à Quinta, como azulejos muito bonitos e peças da capela. Estas pessoas além de roubarem também destruíram tudo (varandins, ferros forjados,..), tal como nos disse D. Carolina.

Ou seja, quando o Ministério da Educação “pegou” na Quinta para construir a Escola Secundaria de Sampaio já não restava quase nada, só havia vestígios da casa que foram depois deitados abaixo. Havia muitos vestígios do pavilhão de caça mas esse já ficava fora do recinto escolar.

Como referiu D. Carolina, esta zona de Quintas em poucos anos destruiu-se e desenvolveu-se em escolas e casas, ficando com uma figuração completamente diferente de há aproximadamente 20 anos.



### 1.1.1. Árvore genealógica da Família Caldeira



### 1.1.2. A Escola Secundária de Sampaio

Havia um grande anseio da população para que fosse construída uma Escola Secundária no concelho de Sesimbra, pois só existia o Colégio Costa Marques em Sesimbra onde só havia escolaridade até ao 5º ano antigo, ou seja, 9º ano actual. Havia muita pressão para que a escola fosse construída em Sesimbra ou na Quinta do Conde.

Havia o espaço onde se situava a Quinta que acabou por ser loteado e metade dele foi vendido ao Ministério da Educação para se construir a desejada Escola. A divisão feita partia a casa antiga ao meio, ou seja, “cortaram” a casa e a capela ao meio, fizeram um muro onde ficou a escola de um lado e metade da casa, que nem sequer foi deitada abaixo, do outro lado. A metade da casa ainda teve muito tempo de pé até que os alunos começaram a fazer actos perigosos ali e também por se querer construir a actual urbanização situada ao lado da escola acabou-se por deitar as ruínas abaixo, como nos contou o Pr. Maldonado e o Pr. Joaquim Soares.

A Escola começou a ser construída em 1984. Antes de começarem a construir a escola, derrubaram a Quinta toda que ficava dentro do recinto escolar, exceptuando o Pombal que ainda hoje permanece na Escola Secundária de Sampaio.

Uma das nossas grandes dúvidas neste trabalho era porque é que o pombal ficou. D. Maria do Carmo Serrote contou-nos que foi devido a ela que o pombal ficou: Sendo ela a presidente da Comissão Instaladora da Escola, foi ver como estava aquilo a correr e deparou-se com a destruição completa da Quinta e viu uma máquina ir direita ao pombal pronta para o derrubar e assim meteu-se à frente da máquina pedindo para não derrubarem o pombal, como os homens que estavam lá a trabalhar não sabiam quem era ela disseram que aquilo era a função deles e que ela não era ninguém para os impedir de fazer aquilo, então D. Maria do Carmo Serrote pediu-lhes para não

avançarem com as máquinas enquanto ela fazia um telefonema e assim D. Maria do Carmo Serrote telefonou para o Ministério da Educação onde ao telefone confirmaram aos trabalhadores que ela era a Presidente da Comissão Instaladora da Escola e foi assim que o pombal não foi deitado abaixo apesar de as suas partes laterais terem sido pois o pombal que vemos actualmente na escola é uma “amostra” do pombal da Quinta. A respeito deste mesmo assunto o Pr. Joaquim Soares completou dizendo que pediram (a Comissão Instaladora, da qual ele também fazia parte) para não derrubar o pombal pois era a única coisa da Quinta que ficava completamente dentro do recinto escolar. Sem ser o pombal, da Quinta conseguiram aproveitar os pinheiros, os sobreiros e o resto de todas as árvores centenárias que temos hoje na escola.

Quanto à Comissão Instaladora da Escola, cuja a função é organizar e pôr a funcionar a escola, era formada por professores do Colégio Costa Marques que foram destacados para a Escola Secundária de Sampaio, ou seja, no colégio Costa Marques havia 2 secções: Escola Preparatória e 3ºciclo/Secundário, então alguns professores do Secundário vieram para a Escola Secundária de Sampaio, tal como nos contou o Pr. Joaquim.

A Comissão Instaladora da Escola Secundária de Sampaio era constituída por:

- Prof. Maria do Carmo Serrote, presidente da Comissão Instaladora e também foi a primeira Presidente do Conselho Executivo da Escola, ficando cm presidente só um ano, então, saiu da escola em 1989;

- Prof. Joana Cabaça, vice-presidente da Comissão Instaladora e também foi a 2ª Presidente do Conselho Executivo da Escola;

- Prof. Rui do Bem, Secretário da Comissão Instaladora e agora é o nosso actual Presidente do Conselho Executivo;

- Prof. Joaquim Soares, ainda hoje é professor na Escola.

- Prof. Ferraria, tal como o Prof. Joaquim também ainda pertence à escola.

Quando a Comissão Instaladora chegou à Escola ainda havia problemas a tratar: ainda não havia electricidade, os canos ainda não estavam ligados, entre outros. Então, quando se foi a testar a escola, foi-se testar a casa de banho dos professores e como se tinham esquecido de ligar aos esgotos, quando se ligou as casas de banho, “aquilo” em vez de ir para fora pelos canos, vinha para dentro. Esta foi uma situação engraçada que aconteceu na escola e nos foi contada pelo Prof. Joaquim Soares.

Passados dois anos de se ter começado a construir a escola, ela abriu, ou seja, a escola abriu em 1986, a funcionar apenas com 7º, 8º e 9º anos de escolaridade. No 2º ano já funcionava com 7º, 8º, 9º e 10º anos de escolaridade e só a partir do 3º ano é que começou a funcionar com 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º anos de escolaridade como se mantém até hoje.

A Escola não abriu como nós hoje a vemos. A Escola quando abriu ainda não estava relvada, entre outras coisas.

Como o Prof. Joaquim nos contou, depois da Escola abrir, no dia da árvore, o Conselho Executivo decidiu ir até Lisboa e comprarem arbustos para plantarem na escola, o que deu origem à vedação que hoje vemos na escola.

## **Conclusão**

Com este trabalho, aprofundámos os nossos conhecimentos acerca da evolução transitada do “passado” para o “presente”. Tal como referimos anteriormente, antes de realizarmos este projecto, apenas sabíamos que, possivelmente, tivesse existido uma quinta do local designado hoje por Estrada da Faúlha. Desta forma, à medida que fomos investigando para a realização deste projecto, podemos verificar que são poucas as informações disponíveis acerca deste assunto. De qualquer maneira, baseamo-nos nas entrevistas que fomos realizando ao longo do desenvolvimento deste projecto. Por esta razão, devemos agradecer grandemente a todos os que contribuíram e / ou que dispuseram do seu tempo para nos ajudar na pesquisa do mesmo (na página seguinte são apresentados os nomes de todas as pessoas que contribuíram para a realização deste projecto).

## Bibliografia

- Entrevistas a diversas pessoas pertencentes à zona de Sampaio.

### Agradecimentos:

- Prof.<sup>a</sup> Prudência Valente
  - Prof.<sup>a</sup> Alda Gago
  - D. Maria Celeste Pereira
  - Sr. Jacinto Pereira
  - Sr. Josefino Amaral
  - Sr. António (“Toni”)
  - D. Maria do Carmo Serrote
  - Prof.<sup>a</sup> Amália Brás
  - D. Elisa Gago
  - D. Teresa Baptista
  - Prof. Joaquim Soares
  - Prof. José Maldonado
  - Prof. António Ferraria
  - D. Carolina Baptista
  - Prof. Manuel Nabais
  - Sr. Ludgero Caleiro
  - Sr. António (“António do Talho”)
  - D. Filomena Caldeira
- 
- Biblioteca Municipal de Sesimbra
  - Arquivo Municipal de Sesimbra
  - Posto de Turismo de Sesimbra
  - Junta de Freguesia de Santiago
  - Jornal “O Sesimbrense”